

PREFÁCIO: ABERTURA

Primeira Contraposição

A conferência *contrapor* exprime acção logo no nome, pelo verbo da sua substância. Responde ao projecto dos fundadores da Associação de Tradução em Língua Portuguesa (ATeLP), afirmando os seus objectivos em diálogo aberto, acerca de tudo o que se relaciona com a tradução na actual civilização tecnológica. Este foi o meu ponto de vista ao apoiar a constituição associativa, agarrado à réstea de instinto gregário que ainda me resta, para veicular entre os estudiosos e praticantes das línguas naturais e especializadas aquelas características que enformam o conhecimento e concretizam o saber. No fundo, pretende-se estimular os diversos profissionais no desenvolvimento de um projecto comum, que dinamize a ciência e tecnologia de tradução, afinal a teoria e prática subjacente ao conceito da engenharia de tradução. Tudo isto porque é notória a necessidade social e humana de responder à globalização com meios eficazes de comunicação entre povos diferentes, sem que cada um perca a sua identidade linguística. Ora a tradução satisfaz este princípio, dado que interconecta humanos e sociedades mantendo as características, herdadas dos tempos ancestrais, que sustentam a diversidade cultural no mundo.

Propus uma primeira iniciativa mobilizadora pela realização de oficinas de tradução, que focassem sucessivos temas de interesse participativo e pudessem satisfazer, pouco a pouco, as exigências educativas da boa inserção dos tradutores no mercado. Baseei a pretensão na experiência activa e silenciosa que exercitei, ao longo de duas décadas, na comissão nacional de normalização internacional da terminologia electrotécnica. Mas a ideia não pareceu oportuna, como arranque das acções 'atelpianas'. Entendi claramente que impulsos divergentes não originam uma resultante capaz de sensibilizar a desejada maioria de motivados na mesma acção. E cerceei a implementação das oficinas educacionais, à espera de melhores condições envolventes. Contudo, sentia que era preciso estimular os pioneiros associativos e entusiasmar novos aderentes, de maneira a gerar a indispensável vitalidade ao crescimento da instituição recém-criada.

Eis quando a memória de outras experiências, vividas com sucesso em engenharia electrotécnica e em controlo automático, fez emergir a ideia de uma *conferência de tradução portuguesa*, vocacionada para discutir periodicamente a evolução internacional da nova ciência e tecnologia de tradução. Despertada bem no interior da contraposição linguística, pela comunicação mais ou menos especializada entre línguas diferentes, a *contrapor* foi acarinhada desde a primeira descrição da sua estratégia. E até levantou na internet uma interessante onda de discussão sobre o significado simbólico do nome, já que a metáfora vai para além do símbolo concreto.

Destas raízes, a conferência despontou à luz do dia na apresentação pública da ATeLP, em Lisboa, já com traços gerais delineados para unir as humanidades às

tecnologias através da abordagem sistémica das falas. Assim transparece do plano desenhado, desde logo no grafismo da conferência pela simbologia da ponte que liga uma à outra margem do rio Tejo, unindo Lisboa à Caparica, tal como acontece entre os humanos em comunicação pelas mediações linguísticas, de um código para outro das diversas línguas.

Fiz questão de sublinhar, e repito, que se pretende centrar o objectivo da acção no processo tradutivo, implicando necessariamente a inserção de debates sobre os problemas profissionais dos tradutores, relacionados com múltiplos aspectos de investigação, desenvolvimento, formação, ética e exercício activo da tradução linguística. A intenção é muito abrangente, alargando-se à discussão integrada das questões de consolidação da ciência e tecnologia de tradução nas suas relações humanas e sociais. Portanto, atende-se à tradução geral, que os falantes comuns precisam de usar no convívio directo, e à tradução especializada, quer literária quer científica e tecnológica ou técnica, pertinente na mediação indirecta das leituras ou das interpretações imediatas.

O princípio básico será a abordagem sistémica da complexidade que envolve a tradução no espaço português e no mundo, em qualquer caso a nível internacional, acerca da teoria de tradução e das suas componentes práticas, desde os equipamentos e sistemas até à conversão semântica e certificação de qualidade. Aí onde a engenharia entrelaça a ciência com a tecnologia para atingir a melhor comunicação no ambiente social.

Tantos são os caminhos a percorrer, que há lugar para todos os humanos de boa vontade se unirem na construção deste projecto de suporte à globalização, com base na diversidade dialogante dos códigos naturais das línguas. E todos podem contrapor as suas ideias, segundo o paradigma tradicional dos bons costumes. Livre e abertamente. Depois, cada um que recolha aquilo que entender melhor e por bem.

Deste modo, a primeira *contrapor* ergueu-se sob o mote genérico de «A Tradução Especializada: Um Motor de Desenvolvimento», sugerido no início da caminhada por Rosário Durão, a primeira presidente da direcção da ATeLP. Embora se tenha traçado um plano inaugural sem ambições de internacionalização, a fim de encontrar, antes de mais, a necessária prata da casa que cumpra os objectivos intencionados, a verdade é que as expectativas foram crescendo com difícil controlo dos seus limites. Rapidamente, a *contrapor2006* ultrapassou as fronteiras nacionais, pela internet e sob o entusiasmo de João Roque Dias. Pressenti esta expansão pelo mundo fora quando recebemos os auspícios da Federação Internacional de Tradutores (FIT), sobretudo por intermédio da generosa impulsão de João Esteves-Ferreira, vice-presidente da associação de tradutores suíços e presidente da FIT Europe. De facto, os últimos meses mostraram uma animação invulgar, em múltiplos centros universitários e empresariais do mundo, onde a língua portuguesa se mantém viva. A conferência atingiu a dimensão internacional que se pretendia alcançar em futuras edições. Esta antecipação significa, por si só, um inesperado sucesso.

Mas o principal êxito da *contrapor2006* reside nas comunicações apresentadas a debate público, reflexo implícito da qualidade dos seus autores. Que me alegra muito evidenciar, nesta ocasião. No passado mês de Agosto, durante quinze dias de férias em Porto Covo, na costa alentejana do Atlântico, deliciei-me a estudar as mensagens escritas que recebera em Lisboa, enviadas por vários investigadores e tradutores disseminados pelos continentes europeu, asiático e americano.

Concluí a missão forçada de presidente da Comissão de Programa pelo agrupamento dos temas abordados, definindo oito tópicos das sessões: uma fileira trata os sistemas de tradução, a terminologia, a tecnologia e a prática de tradução; outra fileira ocupa-se da educação de tradução, teoria de tradução, tradução literária e avaliação de tradução. Espero, sinceramente, que as discussões destas comunicações sejam frutuosas para todos os que chegaram aqui animados de idêntica expectativa.

Quem veio, chegou de longe. Pois distantes temos andado uns dos outros. Começa agora um percurso de proximidade. Que se deseja alargar mais, nos espaços da lusofonia e das diásporas espalhadas pelo mundo, intensificando o convívio de outros povos

interactuantes com portugueses. A tradução representa um meio fundamental à intercomunicação internacional na crescente globalização económica. E a sua aplicação não tem fronteiras, não se confina a esta ou aquela língua. Porque o conhecimento científico e tecnológico é comum aos vários falantes. Que a ciência não tem donos.

Comprovam esta universalidade as 30 comunicações aceites e entregues, provenientes de uma dúzia de países: 16 trabalhos oriundos de Portugal, dos quais três são de autores ingleses a trabalhar em Lisboa; 2 textos, os únicos de autoria colectiva, vieram do Brasil; também chegaram 2 de Espanha, por autores portugueses aí a preparar as suas dissertações de doutoramento; e ainda 2 provêm da Alemanha, sendo brasileira uma autora e inglesa a outra; 1 *paper* do Luxemburgo, elaborado por um tradutor independente de origem inglesa; 1 relato de Itália, enviado por um português; 1 apresentação da Grécia; 1 narração executada na Finlândia por uma mexicana; 1 artigo escrito por um iraniano; 1 presença dos Emiratos Árabes Unidos; 1 testemunho de um americano no Japão; e 1 contributo brasileiro recebido dos Estados Unidos da América.

Estas autorias dizem respeito a profissionais de tradutologia a trabalhar em 17 universidades e 3 politécnicos, 6 doutorandos e 1 mestrando, 1 empresa e 2 tradutores independentes. Cerca de metade das comunicações veio de Portugal (16), distribuída pelo Sul (10) e Norte (6) do país, e outra metade chegou do estrangeiro (14), quer da Europa (8) quer da Ásia no Próximo Oriente (2) e Extremo Oriente (1) e ainda das Américas do Sul (2) e do Norte (1). Contribuíram 8 nacionalidades, com 16 portugueses, 5 ingleses, 4 brasileiros (sendo duas autorias colectivas de três autoras) e 1 conferencista de origem grega, iraniana, dos Emiratos Árabes Unidos, México e Estados Unidos da América. Curiosamente, dos 13 autores masculinos 7 são portugueses e 6 estrangeiros, enquanto das 17 autoras femininas 8 são portuguesas e 9 estrangeiras, resultando um perfeito equilíbrio dos textos escritos em português (15) e inglês (15).

Como presidente da Comissão Organizadora, só me posso congratular pelo sucesso predito. É claro, graças ao empenhamento dos conferencistas que trocam as suas opiniões, nas línguas portuguesa ou inglesa, acerca dos desempenhos da ciência e tecnologia de tradução; e devido ao interesse daqueles que participam nos diálogos suscitados pela investigação actual, geralmente associada à docência universitária, quase sempre dinamizada nos centros de pesquisa por teses de mestrado e doutoramento, mas também como reflexo da evolução das estruturas de trabalho dos tradutores na sociedade.

Os conteúdos narrados dão a perceber que o decurso da conferência irá extrair conclusões de alta valia. No final, estaremos de novo em plenário para fazer o balanço desses resultados. Cada conferencista fará a sua própria avaliação destes dois dias de convívio, mas antevejo que todos partirão com a recordação de um encontro proveitoso e agradável. Refiro-me aos 72 inscritos na conferência, dos quais 43 pretendem assistir activamente às apresentações programadas, a fim de colherem conhecimentos úteis às suas actividades em 14 universidades (11 portuguesas e 3 no estrangeiro), aos trabalhos em 18 empresas (7 de Portugal e 11 estrangeiras) ou aos 11 tradutores independentes (8 falantes de português e 3 de outras línguas), que partiram de terras mais ou menos distantes, em Portugal (27), Reino Unido (2), Suíça (1), Itália (2), Alemanha (4), Polónia (1), República Checa (1), Estónia (1), Angola (2) e Estados Unidos da América (2), sendo 35 do sexo feminino e 8 do masculino.

Termino as indicações estatísticas da *contrapor2006* distinguindo as simpáticas presenças de 3 acompanhantes, com origem em Portugal, Grécia e República Checa, para quem não se previu nesta primeira conferência, lamentavelmente por exiguidade de tempo, qualquer programa cultural que associasse visitas turísticas na bela região do Tejo ao Sado, de Palmela a Setúbal.

Com vista a permitir fazer a análise dos vários temas livre de constrangimentos temporais, dispõe-se de meia-hora para discutir cada um. Trata-se de uma duração rara neste tipo de eventos, mas que concede a possibilidade de aprofundar, sob múltiplos aspectos, as ideias expostas. Aproveitem da melhor maneira esta oportunidade.

beneficiando da significativa presença de tradutores que operam no mercado de trabalho e também empresas consagradas ou emergentes. É um bom sinal, pois concretiza o objectivo de estreitar a relação Universidade-Empresa. Aproveito para exortar os empresários e seus colaboradores com actividades em tradução a que se associem nestes encontros carregando as suas próprias experiências. Certamente que daí surgem vantagens recíprocas.

Limitamos o programa desta primeira edição a duas mesas-redondas, orientadas para questões directamente dirigidas aos tradutores: o problema da formação 'para quem e para quê'; e o dimensionamento das 'traves mestras' da tradução por directores internacionais. Parecem duas amostras impressivas daquilo que se deve reproduzir, a fim de intensificar a interacção universidades-empresas ou educadores-tradutores e, por conseguinte, dignificar a actividade de tradução.

Na verdade, pretendemos dinamizar uma infraestrutura com a intervenção dos profissionais que laboram no campo, ao lado dos docentes e investigadores universitários ou politécnicos, para desenvolver em conjunto o novo conceito de ciência e engenharia de tradução. Eis um sentido muito significativo para uma faculdade de ciências e tecnologia, como esta onde nos encontramos, devido à possibilidade de integrar a ciência de tradução com as especialidades fundamentais em química e física, biologia e ambiente, electrotécnica e informática. Será uma ideia aproveitável nas respostas à moderna globalização? Apenas dou um toque subtil, a despertar levemente a sensibilidade criativa dos responsáveis pela estruturação de um mestrado ou curso de doutoramento em ciência e engenharia de tradução, num paradigma sistémico adequado às ciências sociais aplicadas.

O conjunto de acções desta contraposição é o que vai estar à vista. A minha opinião sobre a sua justificação e qualidade será, obviamente, suspeita. Mas não quero deixar de transmitir o que penso, à guisa de breve síntese final: dentro das limitações normais da vida profissional e dos recursos totalizados, vi nos rostos humanos os sonhos e as desilusões das mais íntimas intenções de participação na orgânica do evento e na concretização das sugestões vertidas, sempre com ardente dedicação e frenético entusiasmo.

Por isso, vou concluir agradecendo os apoios recebidos nesta encenação. Começo por realçar o genuíno entendimento verificado com a direcção da ATeLP e a atitude exemplar de Rosário Durão pela conjugação de esforços na montagem do cenário desenhado. Entrego merecidos louvores aos membros organizadores, João Roque Dias e Isabel Monteiro, actores em primeiro plano, e depois a Virgínia Matos e a Luísa Yokochi nos pormenores de bastidores. Agradeço o suporte instrumental no palco da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa à Carla Marina, através do centro de imagem e informação, e ao professor Brandão Moniz pelo acolhimento incondicional da conferência no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Por fim, deixo ecoar a amizade no aplauso que exprime o reconhecimento de gratidão ao professor Fernando Santana, digníssimo Director desta instituição de conhecimento e saber, que ajudei a construir ao longo de trinta anos e desejo continuar a elevar no plano científico e tecnológico, sempre a contrapor ideias criativas. Ao mesmo tempo, felicito todos os conferencistas que acendem a luz da ribalta. Vamos iniciar a representação.

Welcome, everyone! Bem-vindos e bom trabalho.

Caparica, 2006-09-11

Hermínio Duarte-Ramos